

Jogos Cooperativos numa 5ª série do Ensino Fundamental

Cooperative games in fifth grade of the basic teaching

Inácio Brandl Neto

Mestre em Educação/Educação Motora (UNIMEP), doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade São Judas Tadeu (USJT), Professor do Colegiado de Educação Física da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), membro do Grupo de Extensão e Pesquisa em Educação Física Escolar (GEPEFE).

Jane Cristina do Nascimento Waldow

Especialista em Treinamento Desportivo e Orientação Educacional, Professora da Rede Estadual de Ensino do Paraná, integrante do Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE), Estado do Paraná.

Resumo: O tema deste estudo está relacionado aos Jogos Cooperativos e o objetivo foi a análise deles e os seus processos de inclusão numa 5ª série do Ensino Fundamental de um Colégio Estadual de Guaíra/PR. Além disso, observou-se a contribuição na transformação individual dos alunos quanto ao modo de participar e praticar os Jogos Cooperativos nas aulas, valorizando diversos aspectos e não apenas o resultado, levando a reflexão sobre como os princípios Cooperativos podem contribuir para a formação de um aluno mais ativo, autônomo, reflexivo e participativo – objetivos da Educação e da Educação Física. Outra meta indireta foi buscar amenizar os conflitos e aprimorar as habilidades de convivência, possibilitando um ambiente favorável ao respeito pela singularidade de cada um. A pesquisa foi realizada através de questionário com 06 questões para uma turma de quinta série de 25 alunos, aplicado ao término da proposta de 10 aulas com atividades e jogos cooperativos. Os resultados encontrados nesta pesquisa evidenciam um fato fundamental observado, os alunos perceberam a importância de ajudar e serem ajudados nas atividades, entendendo que a cooperação, a união e o trabalho em grupo tornam as atividades mais prazerosas e interessantes.

Palavras-chave: Cooperação; Jogos Cooperativos; Educação Física Escolar.

Abstract: The objective of this work was an analysis of the cooperative games and them processes of inclusion in fifth grade of the Basic Teaching of a School from Guaíra/PR. Besides, the contribution was observed in the individual transformation of the students as for the way of participating and playing the Cooperative games in the classrooms and, valuing several aspects and not only the result of the game, taking for the reflection about as the beginnings of the Cooperative games can contribute to the formation of the student more active, autonomous, reflexive and participative – objectives of the Education and of the Physical Education. Looking to ease the conflicts and to perfect the skills of familiarity, making possible a favorable environment in the respect for the peculiarity of each one. The research was done through questionnaire with 06 questions for a group of fifth grade of 25 students, applied to the end of the proposal of 10 classes with activities and cooperative games. The results found in this research show a fundamental fact observed: the students perceived the importance of helping and being helped in the activities, understanding that the cooperation, the union and the work into group make the activities more pleasurable and interesting.

Keywords: Cooperation; Cooperative Games; Physical School Education.

1 INTRODUÇÃO

Mudanças e transformações vêm acontecendo em nossa sociedade e tudo precisa ser imediato e prático, inclusive os relacionamentos, que se tornam cada vez mais distantes. A violência, o individualismo, a agressividade e a competição exacerbada geram exclusão e indisciplina em nossas escolas.

A competição tornou-se um fenômeno social e está presente em diversas atividades do dia-a-dia. O homem já é competitivo naturalmente ou aprende?

Orlick (1989) cita o fato de existirem sociedades onde a competição e a agressão praticamente não existem, bem como outras em que a competição cruel e a destrutividade são as normas. Fornece relevantes indícios de que esses comportamentos são aprendidos e não naturais ou instintivos. Ele afirma existirem evidências que os povos pré-históricos, “que viviam juntos, colhendo frutas e caçando, caracterizavam-se pelo mínimo de destrutividade e o máximo de cooperação e partilha dos seus bens” (p. 20).

Conforme Orlick (1989), a antropóloga culturalista Margaret Mead acreditava que a natureza humana seria caracterizada por componentes inatos e componentes aprendidos e transmitidos. De acordo com seus estudos, a componente “competição”, poderia ser modificada, sendo reprimida ou alterada, pois é um comportamento culturalmente apreendido. Logo sua afirmação de que “o cooperativismo em uma sociedade não depende do ambiente físico, do desenvolvimento tecnológico ou do suprimento real dos bens desejados. É a estrutura social que determina se os membros dessa sociedade irão cooperar ou competir entre si” (MEAD *apud* ORLICK, 1989, p. 19).

O dicionário classifica jogo como brinquedo, divertimento, passatempo (AURÉLIO,

1986, p. 990). O jogo proporciona um ambiente de aprendizagem (FREIRE, 1999). Quando as pessoas estão em grupo compartilham mais facilmente suas idéias. A confiança no grupo estimula a enfrentar desafios. Como trabalhar então em grupo sem vencer o adversário buscando uma transformação de pessoas e de sociedade?

Os jogos são um dos elementos mais utilizados pela Educação Física Escolar, seja como objetivo, conteúdo ou estratégia das aulas. Porém, seu caráter extremamente competitivo, influenciado pela pensamento existente na sociedade, acaba por excluir alunos, desfocar o sentido da atividade e afastá-los de uma relação significativa e positiva com a própria atividade física em geral.

Na escola, o professor de Educação Física, no seu papel de educador, precisa perceber a necessidade de diminuir a ênfase dos participantes em relação à importância do resultado numérico e da vitória, devendo proporcionar critérios diferentes de aceitação e sucesso. Ajudá-las a tomar consciência de que todos os que estão jogando, toda a equipe, toda a classe, são partes integrantes do jogo. As oportunidades de uma interação social cooperativa, da auto-aceitação e da simples diversão devem ser cultivadas e orientadas, e não destruídas. Nesse sentido, buscaram-se alternativas de ações que poderiam ser realizadas nas aulas de Educação Física, além das já existentes. A idéia é não descartar, por exemplo, as atividades de cunho competitivo, mas, oportunizar aos discentes participarem de outras formas de jogar em que o ganhar não é o objetivo, e obter suas opiniões. Nessa caminhada, percebeu-se nos Jogos Cooperativos esta possibilidade.

Os Jogos Cooperativos podem ser uma alternativa para uma proposta integrativa nas aulas de Educação Física, pois tem como

princípios fundamentais a inclusão (participação de todos nas atividades realizadas) e a cooperação. Também contribui para a revalorização dos valores humanos de respeito, amizade, amor, solidariedade, união, e responsabilidade individual e coletiva, tornando-se um estilo de vida, opondo-se a idéia de que a competição é a única forma de sobrevivência.

Considerando estas situações elencadas anteriormente, decidiu-se ministrar atividades e jogos cooperativos para uma turma de 5ª série do Ensino Fundamental de um Colégio da cidade de Guaíra, Estado do Paraná, a fim de perceber quais as respostas dos discentes diante dessa mudança de enfoque dos jogos, já que os mesmos estavam acostumados com atividades e jogos competitivos nas séries anteriores.

Logo, o objetivo deste estudo foi analisar os jogos cooperativos e os seus processos de inclusão na 5ª série do Ensino Fundamental (6º ano na nova nomenclatura), procurando observar se as atividades e jogos cooperativos poderiam contribuir efetivamente na transformação individual e coletiva dos alunos, valorizando diversos aspectos e não apenas o resultado do jogo. O propósito foi o de proporcionar a reflexão sobre como os princípios dos Jogos Cooperativos, a respeito de como estes tipos de jogos e atividades podem contribuir para a formação de um aluno mais ativo, autônomo, reflexivo e participativo, possibilitando um ambiente de aprendizagem com menos conflitos e competição, respeitando as características e singularidades de cada um.

A pesquisa também verificou, de modo indireto, se os jogos e atividades cooperativas podem ser utilizados nas aulas de Educação Física na escola, observando a possibilidade de reestruturação da Educação Física. Em vista disso, buscou-se aprimorar os níveis de relacionamento interpessoal, por meio da vivência de jogos e

atividades cooperativas.

2 ORIENTAÇÕES LITERÁRIAS

A seguir se encontra uma revisão bibliográfica pautada nas atividades e jogos cooperativos, de maneira sintética, procurando-se mostrar o porquê esta alternativa pedagógica deve fazer parte das aulas de Educação Física.

O jogo cooperativo “começou a milhares de anos atrás, quando membros das comunidades tribais se uniam para celebrar a vida” (ORLICK *apud* BROTTTO 2002, p.47).

Algumas sociedades, conforme Orlick (1989), como esquimós, tribos da África, e outras com influência socialista (interior da China, do Japão e outros estados), até hoje mantêm a idéia da cooperação no seu dia-a-dia (atividades de casa, trabalho, jogos, brincadeiras, danças, esportes, lutas).

Mesmo em sociedades capitalistas encontramos a idéia da cooperação, como no caso das cooperativas (de trabalho, agrícolas e outras - ou cartéis disfarçados?). No Paraná podemos perceber ainda a existência de alguns “faxinais”, onde os habitantes constroem sua vida e sua subsistência/sobrevivência em forma de cooperação em todas as situações. Continuaremos o estudo mostrando algumas comparações entre competição e cooperação, segundo alguns autores.

Existem muitas definições para cooperação e competição. Brotto (2001, p. 27) considera a cooperação um processo onde os objetivos são comuns, as ações são compartilhadas e os resultados são benéficos para todos. A competição é caracterizada por ele como um processo onde os objetivos são mutuamente exclusivos, as ações são individualistas e somente alguns se beneficiam dos resultados.

Mead (*apud* ORLICK, 1989) entende a competição como o ato de procurar ganhar o que outra pessoa está se esforçando para obter, ao mesmo tempo, [...] e a cooperação, como o ato de trabalhar em conjunto com um único objetivo.

Competir e cooperar são possibilidades de agir e ser no mundo. Cabe escolhermos, e acabar com o mito que é a competição que nos faz evoluir. Amaral (2007, p. 35) afirma que “a cooperação e a competição fazem parte do nosso cotidiano. Incentivar os jogos cooperativos significa oferecer as pessoas opções de participação”. Segundo ele, nessa sociedade em que se vive desde pequenos parece que só nos mostram uma opção: competir, vencer alguém ou ganhar algo.

O problema da competição, em nossa cultura dita civilizada, não é apenas estabelecer e reforçar uma relação de dominação entre ganhadores e perdedores, mas também a tentativa de justificar e banalizar essa relação (MIRANDA, 2006). Deparamos-nos constantemente com um exagero em relação à competição que acarretam algumas situações de esquecimento dos valores morais, levando a falta de ética e tendo o outro simplesmente como adversário. A escola tem um papel social muito importante nesse contexto, pois é um ambiente onde aparecem as tensões e emoções, e pode tentar mudar essa situação.

Nessa perspectiva de ensinar o novo, temos Broto (2001) afirmando que praticar os Jogos Cooperativos como uma proposta Pedagógica é, antes de qualquer coisa, exercitar a Cooperação na própria vida. É reaprender a lidar com os desafios cotidianos com base, não em um novo paradigma – porque este, mais cedo ou mais tarde estará esgotado – mas sim, na consciência.

O quadro 1, a seguir, mostra uma comparação das situações desenvolvidas nas atividades cooperativas e nas competitivas:

Quadro 1 - Situação cooperativa e competitiva

Situação Cooperativa	Situação Competitiva
Percebem que o atingimento de seus objetivos, é em parte, conseqüência da ação dos outros membros.	Percebem que o atingimento de seus objetivos, é incompatível, com a obtenção dos objetivos dos demais.
São mais sensíveis às solicitações dos outros.	São menos sensíveis às solicitações dos outros.
Ajudam-se mutuamente com freqüência.	Ajudam-se mutuamente com menor freqüência.
Há maior homogeneidade na quantidade de contribuições e participações.	Há menor homogeneidade na quantidade de contribuições e participações.
A produtividade em termos qualitativos é maior.	A produtividade em termos qualitativos é menor
A especialização de atividades é maior.	A especialização de atividades é menor.

Fonte: Broto (2000, p. 45).

Amaral (2007, p. 27) afirma que “o jogo Cooperativo traz uma alternativa ao jogo de competição, onde, algumas vezes, o outro passa a ser o obstáculo ao qual tenho que passar a qualquer custo para atingir o meu objetivo”.

A Educação Física, como área de intervenção pedagógica, nas instituições de ensino, não pode estar preocupada apenas com resultados. “Mais forte, mais alto, mais longe”, são expressões que priorizam o vencer e perder, ao fazer isso direciona os objetivos ao resultado final, deixando de lado as pessoas e as experiências extraordinárias que podem ser vivenciadas.

A relação entre aspectos trabalhados nos jogos em grupo e os padrões de percepção/ação desenvolvidos/modificados pelos alunos, são apresentados no quadro 2, a seguir, através da análise comparativa de atividades cooperativas e competitivas:

Quadro 2 - Padrões de percepção - ação

Aspectos	Cooperação	Competição
Visão de jogo	Possível para todos	Parece possível só para um
Objetivo	Ganhar... Juntos	Ganhar... Do outro
O outro	Parceiro, amigo	Adversário, inimigo
Relação	Interdependência, parceria	Dependência, rivalidade
Ação	Jogar... Com	Jogar... Contra
Clima de jogo	Ativação, atenção	Tensão, stress
Resultado	Sucesso compartilhado	Ilusão de vitória individual
Conseqüência	Vontade de continuar jogando...	Acabar logo com o jogo
Motivação	Amor	Medo
Sentimentos	Alegria, comunhão	Raiva, solidão
Símbolo	Ponte	Obstáculo

Fonte: Brotto (2000, p. 54).

Amaral (2007) cita diversos valores educativos dos Jogos Cooperativos, como estes apresentados a seguir.

A empatia, que é favorecida com os Jogos cooperativos, proporciona o colocar-se no lugar do outro compreendendo seu ponto de vista, suas preocupações, suas expectativas, suas necessidades e sua realidade. A construção de relações sociais positivas acontece através da mudança de atitude favorecendo a criação de um ambiente agradável.

Para resolução de tarefas e problemas juntos, é necessária a cooperação, que deve ser baseada na reciprocidade e não no poder e controle. As experiências cooperativas são as melhores formas de aprender a compartilhar, a socializar-se, a preocupar-se pelos demais, e através da participação, vivenciamos um clima de confiança.

Os jogos cooperativos desenvolvem a capacidade de expressar deliberada e autenticamente nosso estado de ânimo, nossas percepções, nossos conhecimentos, nossas emoções e nossas perspectivas.

Desenvolver uma opinião positiva de si mesmo, reconhecer e apreciar a importância do outro, também são aspectos das atividades cooperativas. A auto-estima, a confiança e a segurança em si mesmo, são elementos de identidade vitais que fazem um importante papel na determinação de nossa conduta comunicativa. O jogo cooperativo oferece ao jogador a ocasião de apreciar-se, de valorizar-se, sentir-se respeitado em sua totalidade. Pouco importa as suas aptidões físicas, é sempre ganhador e nunca eliminado. Respeitar-se envolve o respeito aos outros. Respeitar-se, traz a aceitação e o melhor de si. Quando alguém se ama, se transforma e melhora, formando pessoas felizes e fazendo com que o medo do fracasso desapareça. Analisando essas afirmações concordamos com Amaral (2007, p.29) ao afirmar ser o Jogo Cooperativo

instrumento de articulação e promoção do processo educativo, onde se destacam algumas de suas principais características que é a alegria e a inclusão. Todos participam, todos ganham e todos se divertem. É um jogo que tem como fundamento levar em consideração as condições, as qualidades e as características individuais de cada pessoa. O importante é a soma de esforços para, com eficiência, realizarmos e solucionarmos as tarefas propostas através da cooperação.

Os jogos e atividades cooperativas podem e devem ser divertidos. Orlick (1989, p.123) afirma que "o objetivo primordial dos jogos cooperativos é criar oportunidades para o aprendizado cooperativo e a interação cooperativa prazerosa", visando uma atividade onde a cooperação, a aceitação, o envolvimento e a diversão devem ser primordiais, podendo ter

uma atitude cooperativa, amigável e prestativa dentro de uma atividade competitiva, nunca permitindo que a busca pela vitória seja mais importante que a pessoa.

Apesar de todos os esforços na procura de alternativas para a inclusão e a cooperação nas aulas de Educação Física, ela ainda parece ser a especialista em reforçar a competição. Normalmente nas atividades não se valoriza as pessoas que jogam, e sim o jogo, tornando-o mais importante que as pessoas, quando deveria ser justamente ao contrário (SOLER, 2002).

Todavia, as aulas são espaços privilegiados para trabalhar as relações, para ensinar a cooperar. Ela tem que se preocupar com a formação integral do ser humano, tornando um ser mais autônomo, livre, responsável, solidário e cooperativo, pois excluindo e separando será difícil melhorar alguma coisa (SOLER, 2002).

Nesse sentido, Correia (2006) é de opinião que os jogos cooperativos podem ser um aliado muito importante nas aulas de Educação Física, pois a cooperação pode ser aprendida e desenvolvida assim como a competição o foi.

Orlick (1989) afirma que se conseguirmos fazer com que as crianças se sintam aceitas e que tem um papel significativo no desenvolver das atividades, estaremos evitando problemas psicossociais que atualmente envolvem os jogos e esportes. Por isso, os jogos cooperativos se tornam importantes para que ninguém se sinta um perdedor, para evitar o isolamento social, facilitar a interação social positiva, promover a auto-aceitação e a diversão durante o aprendizado. As vivências cooperativas durante a infância ajudarão a enfatizar a busca pelas alternativas cooperativas durante toda a vida. Portanto, se torna mais fácil mudar os jogos de hoje, do que o adulto de amanhã (ORLICK, 1989).

Por tudo isso, podemos dizer que o compromisso dos educadores é tentar desenvolver

e transmitir valores positivos nos alunos, como a solidariedade, o respeito mútuo, a compaixão e muitos outros, assim como suscitar o senso crítico para as questões sociais (CORREIA, 2006). Neste sentido, o professor, ao desenvolver um jogo, deve mostrar a criança o conceito, o como fazer e os valores e atitudes que estão sendo transformados durante seu desenvolvimento (SOLER, 2006).

As aulas de Educação Física foram ministradas também com estas orientações cooperativas, fazendo com que os alunos percebessem, durante as atividades e através de discussões, as diferenças (o que acontece) existentes entre os dois aspectos (competitivos e cooperativos). Os debates foram enriquecidos com textos, tabelas e quadros já existentes na literatura sobre esses temas. Assim, puderam emitir suas opiniões e responder um questionário com questões simples, pois se trata de uma 5ª série, sobre o assunto.

3 ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS

O palco desta pesquisa e dessas aulas foi um Colégio da cidade de Guairá/PR. O público alvo foram 25 alunos regularmente matriculados de quinta série do período vespertino. Foi escolhida esta série porque se acreditou ser mais fácil a aceitação ao novo do que as demais séries que já teriam tido acesso a diversos conteúdos da Educação Física onde a competição estaria já inserida e associada a própria Educação Física, conforme os alunos confirmaram durante as aulas.

Os alunos participaram de 10 aulas de Educação física durante o mês de agosto, onde foram propostas Atividades e Jogos Cooperativos. Não se conversou com os alunos antecipadamente, preparando-os para atividades cooperativas. Simplesmente se iniciou aulas com

caráter cooperativo. As atividades e jogos foram: pegadores e brincadeiras com versão cooperativa, como pegador corrente, caçador individual (bola bomba), pegadores em grupo (duplas, trios, com formas diferenciadas de organização) com e sem material; queimada cooperativa, voleibol gigante cooperativo, futpar, volençol e outros. Muitas brincadeiras e jogos podem ser encontrados nos livros colocados nas referências bibliográficas. Durante as aulas foram observadas a participação e a aceitação dos jogos e brincadeiras, as reações e as mudanças atitudinais. No final das dez regências foi aplicado um questionário com seis perguntas relacionadas ao tema, contendo questões abertas e fechadas.

O questionário foi elaborado em conjunto pelos autores. Também houve sugestões de outros professores de Educação Física do Colégio. Para verificar sua consistência, o mesmo foi testado com alunos de outra turma que não participaram da pesquisa, mas que tiveram atividades e jogos cooperativos em suas aulas. No dia em que os alunos responderam as questões, a professora pesquisadora ficou junto com a turma para dirimir qualquer dúvida. Após responderem os questionários, a pesquisadora conversou com os discentes procurando saber do porque de algumas respostas. As alternativas para as respostas eram simples: sim; não; às vezes. Somente na última pergunta eles tiveram que apontar algumas situações (questão aberta).

A análise das respostas foi por dados numéricos (frequência absoluta) e por verificação de consistência das respostas (unidades significativas). Para a discussão das respostas foi usada análise baseada nos autores citados no texto.

Percebe-se uma orientação para a pesquisa descritiva, que conforme Martins (2001), está interessada em descobrir e observar fenômenos, procurando descrevê-los, classificá-los e interpretá-los. Desejando conhecê-lo quanto à

sua natureza, composição e os processos que constituem ou nele se realizam. No caso, foi utilizado um questionário para verificar a aceitação dos alunos.

As questões elaboradas para o questionário estão colocadas no próximo tópico, antes da apresentação de cada resultado e discussão do mesmo.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste tópico serão mostrados e discutidos os resultados do questionário realizado junto aos estudantes da 5ª série. Será apresentada a questão, depois os resultados numéricos e, logo após, a discussão. Por fim, faz-se a análise geral dos resultados.

1. Houve diminuição das brigas quando foram aplicadas as atividades e jogos cooperativos?

Sim: 17 Não: 07 Às vezes: 01

Pelo exposto, pode-se observar que a maior parte (17) dos discentes respondeu afirmativamente. Em conversa com os mesmos, discutindo o porquê destas respostas, a maioria observou que, com esta forma de jogar, houve maior envolvimento deles e isso possibilitou uma diminuição das brigas, dos conflitos e da falta de respeito com os colegas menos habilidosos. Responderam também que eles se interessaram por ter atividades diferentes e isso tornou a aula mais "legal", onde aconteceu mais participação e, brincando juntos, puderam se conhecer melhor e brigar menos. Essas são afirmações clássicas dos autores que pesquisam e escrevem sobre jogos cooperativos, isto é, Brotto, Orlick, Soler, Amaral, Correia e outros, sempre enfatizaram a possibilidade da diminuição da violência e de

intrigas, e da maior participação de todos (brincar juntos, segundo os próprios alunos) quando se trata de atividades e jogos cooperativos, e foi o que houve nesta experiência.

2. Houve mudança no relacionamento da turma durante a execução das atividades? Por quê?

Sim: 24 Não: 01

Vê-se que, praticamente para todos, houve mudanças no relacionamento. Eles responderam e perceberam nitidamente que as atividades e jogos cooperativos proporcionaram uma mudança significativa nos relacionamentos da turma. Todos são colegas, porém, diante da proposta constataram que eles puderam se conhecer melhor quando ajudavam e eram ajudados. Jogando e brincando com os colegas eles se comportaram melhor e as brigas deram lugar à união. Interessaram-se mais pela variedade de brincadeiras onde todos participavam vivenciando o trabalho em grupo com alegria, desmistificando a afirmação de que a brincadeira sem competição não tem graça.

Lembramos que Amaral (2007) já explicava que no jogo cooperativo a empatia é favorecida e que acontecem relações sociais positivas (preocupação com os outros, compartilhamento, ajuda, confiança, e outras). E isso foi o que aconteceu nessas aulas, considerando as respostas dos alunos.

3. Este tipo de aula com atividades e jogos cooperativos leva a pensar sobre respeitar o colega e em trabalho em grupo?

Sim: 23 Não: 02

Nesta questão, como na anterior, quase foi unânime a resposta afirmativa, isto é, o respeito aconteceu na relação entre os alunos na

realização das tarefas/atividades. Brotto (2001) e Orlick (1989) já afirmavam sobre esta situação de respeito quando explicavam que estes jogos proporcionam a “aceitação” e o “envolvimento” de todos, tanto que a idéia de “inclusão” e “para todos”, aparecem como um dos elementos principais dos jogos cooperativos.

A idéia do pensar (refletir) é um elemento pedagógico normalmente pouco solicitado nas aulas, que muitas vezes são comandadas. E esta reflexão nos remete ao pensamento construtivista da “ação-reflexão-ação”, também utilizada na pedagogia cooperativa, conforme Soler (2002), como “ação-reflexão-ação melhorada”, suscitada nas ações cooperativas, fazendo dos discentes atores, parceiros e criadores de soluções para os problemas, em vez de meros expectadores ou reprodutores de solicitações docentes.

4. Houve colaboração entre os alunos durante as atividades? De que maneira?

Sim: 20 Não: 03 Às vezes: 01

Obs: Um aluno não respondeu esta questão

Os alunos destacaram várias maneiras de colaboração durante as atividades. As mais significativas foram: todos brincaram e trabalharam juntos, ajudaram os que não sabiam fazer a atividade, respeitaram o outro, houve mais união, participação e colaboração. Todos os autores que escrevem sobre jogos cooperativos são de opinião que estes fatores (maneiras de colaborar) que os alunos apresentaram realmente acontecem durante as atividades e jogos cooperativos. Se voltarmos aos quadros 1 e 2 apresentados no item “orientações literárias”, verificaremos que as respostas dos alunos estão alocadas nas situações cooperativas neles apresentadas, corroborando o que expressam os autores sobre esta forma de brincar e jogar.

5. Você recebeu ajuda de alguém em algum momento das atividades?

Sim: 20 Não: 04

Obs: Um aluno não respondeu esta questão

Os alunos que menos participavam das aulas destacaram que foram muito ajudados nas atividades, inclusive, um aluno com problemas cardíacos escreveu ter recebido ajuda de dois colegas da sala, justamente os maiores e mais indisciplinados, sendo protegido por eles durante as aulas. Este acontecimento narrado pelo aluno é uma situação exemplar de mudança de comportamento que estas atividades podem gerar nas pessoas. Pensamos que se pode perceber uma mudança na auto-estima dos envolvidos, pois, o que aconteceu merece elogios. Podemos dizer que este foi um fato marcante que fez a turma se direcionar para os valores cooperativos em suas aulas. A ajuda é o fundamento cooperativo, e normalmente é a primeira palavra que as crianças dizem quando pedimos o que significa cooperação. Não é necessário fazer mais nenhum comentário sobre o fato, pois todos os autores (e todas as pessoas) são unânimes em afirmar que a ajuda é o fator básico da cooperação.

6. O que você achou mais importante nas atividades e jogos cooperativos?

Foram realmente muito significativas as respostas dos alunos. Alguns apontaram as atividades de queimada cooperativa, voleibol gigante, fufpar e volençol, como as melhores. Destacaram como mais importante:

- Aprender a respeitar uns aos outros
- Brincar todos juntos
- Cooperação

- Companheirismo
- Participação de todos
- Diversão
- Sem brigas
- Amizade
- Colaboração e ajuda de todos
- Bom comportamento

As expectativas dos autores e dos professores que são adeptos da realização de aulas com atividades e jogos cooperativos são estas indicadas pelos alunos. Por exemplo, se observarmos os quadros 1 e 2, encontraremos muito desses itens apontados pelos discentes. Afinal, pensamos que o desafio que parecia difícil de ser implementado nas aulas e absorvidos/incorporados pelos alunos não o foi. Quando possibilitamos vivências de formas alternativas, no caso, cooperativas, elas foram entendidas, pois foram ações, além de palavras. E estas foram percebidas por cada aluno. Notaram que pode haver outras formas de convivência que não sejam violentas e competitivas. O desafio era mostrar isto para eles e parece que foi conseguido. Nossa felicidade foi maior quando vimos estas palavras e frases colocadas na última pergunta, pois foi escrito por eles e denota uma provável compreensão e ações sociais baseadas nestes termos, pois se transformou em linguagens deles. Podemos afirmar: consegue-se sim ministrar atividades cooperativas (cada um em seu contexto) e aspirar por mudanças sociais que levem a convivência em paz.

5 ANÁLISE GERAL DOS RESULTADOS

As aulas ministradas tinham como foco principal a atitude cooperativa. Era necessária a

ajuda dos colegas em todas as atividades propostas para se atingir um objetivo comum. Houve, assim, uma colaboração e companheirismo entre eles e, principalmente, a conscientização de que ajudando o outro, brincando junto e tendo maior união, a aula se tornava mais prazerosa e divertida.

As respostas apresentadas pelos alunos corroboram a idéia de que as atividades e jogos cooperativos não têm como objetivo principal ganhar, suprimindo o sentimento de fracasso para aqueles que perdem. Assim, "todos cooperam e ganham, eliminando-se o medo do fracasso e aumentando-se a auto-estima e a confiança em si mesmo" (ORLICK, 1989, p.118).

O início da aplicação das atividades foi um tanto quanto tumultuado, pois eram atividades e jogos desconhecidos causando uma demora para adaptação e entendimento da proposta. Claramente, percebeu-se que a competição era muito forte e presente em suas atitudes apresentando comportamentos individualizados e agressivos. O fato de que em algumas atividades nem existia vencedor, gerou certo conflito nos alunos.

Freire (1999) acredita que negar a competição é o mesmo que eliminar o esporte da Educação Física e considera "ser mais educativo reconhecer a importância do vencido e do vencedor do que nunca competir". Este artigo visou ressignificar a competição e valorizar a cooperação, reconhecendo ser possível esse desafio ser implementado e concretizado dentro e fora da escola.

A principal característica dos Jogos Cooperativos é o aperfeiçoamento das habilidades de relacionamento e, com estas, a possibilidade de afetar toda a sociedade, transformando atitudes, uma vez que a vida em sociedade representa um grande exercício de solidariedade e de cooperação (ORLICK, 1989).

Brotto (2001, p.105) afirma que assim "como na vida, uma das únicas garantias que podemos ter em Jogos Cooperativos é a incerteza dos resultados, da ousadia das tentativas e da aventura da descoberta de si mesmo e dos outros. Apenas uma certeza é possível: a certeza de estarmos todos no mesmo jogo... juntos".

A experiência foi muito significativa, houve um temor de como os alunos iriam reagir às atividades propostas e algumas iniciativas foram frustradas. Às vezes aparecia um sentimento de impotência, porém foi uma rica aprendizagem onde se pode observar a transformação de comportamentos e atitudes dos alunos experimentando vivências onde a maioria cooperou, compartilhou e se uniu para atingir o bem comum.

Relembramos a frase de Brotto (2001), na qual afirma que praticar jogos cooperativos como uma proposta pedagógica é como exercitar a cooperação na própria vida. Isto é, possivelmente tudo o que os alunos da 5ª série vivenciaram nessas aulas, poderá influenciá-los em toda sua vida, no modo de ver o outro e nos valores implícitos da cooperação. Acreditamos que pode haver, sim, mudanças sociais onde aconteça o respeito, o entendimento e a vivência em paz.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ser aceito parece ser uma condição para que a brincadeira seja divertida e para que isso se efetive faz-se necessário a cooperação, união e ajuda mútua, não sendo necessário diferenciar vencedores e perdedores. Orlick (1989, p.104) afirma que

se fizermos com que cada criança se sinta aceita e dermos a cada uma um papel significativo a desempenhar no ambiente de atividade, estaremos bem adiantados em nosso caminho para a solução da maioria dos sérios

problemas psicossociais que atualmente permeiam os jogos e os esportes. Essa é uma das razões por que é tão importante criar jogos e ambientes de aprendizado onde ninguém se sintam um perdedor.

Em relação aos objetivos, os resultados mostram que as aulas de Educação Física com atividades e jogos cooperativos conseguiram mudar a visão dos discentes sobre os jogos, brincadeiras, esportes e outras atividades da Educação Física. Os alunos tiveram esse olhar observador de que um ambiente agradável, descontraído e alegre incentiva a colaboração e a participação de todos. Existiu respeito às diferenças e semelhanças contemplando a aprendizagem significativa entendendo que quando o grupo fica mais unido e cooperativo as diferenças diminuem e o jogar e brincar fica mais interessante (POZO, 2002).

Na quantidade de aulas trabalhadas os alunos puderam fazer várias observações, porém se fossem mais aulas o resultado poderia ser melhor.

Mesmo assim, pode-se elencar muitas transformações, entre elas: o respeito mútuo olhando o outro como alguém importante na atividade, havendo mais paciência e menos reclamação e empenho em resolver os imprevistos; a cooperação e união sempre presentes, diminuindo o individualismo dos mais habilidosos; uma grande participação nas aulas, com envolvimento total em quase todas as atividades, principalmente dos que se sentiam menos habilidosos ou capacitados levando a melhora de sua auto-estima; maior concentração e atenção no direcionamento das atividades com mais organização e responsabilidade; maior alegria e satisfação em fazer aula com todos participando; ao jogar com e não contra a contagem de pontos é desnecessária, pois o que menos importa é quem venceu ou quem perdeu, mas sim quem se divertiu; diminuição de brigas,

conflitos e discussões.

Quanto a introdução dos Jogos Cooperativos, devido a experiência que tivemos, sugerimos que, talvez iniciando com atividades semi-cooperativas, depois ou em conjunto, com as de inclusão (para todos), e posteriormente, as de cooperação, os conflitos iniciais pudessem ser mais amenos, levando os alunos, aos poucos, a conhecer e aceitar as atividades e jogos cooperativos com mais facilidade. Conforme Brotto (2001), atividade semi cooperativa é entendida como uma competição em que todos participam efetivamente, onde todos jogam/brincam (inclusão), podendo ser: todos tocam ou passam (uma bola, por exemplo); todos marcam pontos; todos passam por todas as posições; ou um misto dessas situações.

Para que ocorra uma mudança de comportamento é imprescindível a intervenção do professor de Educação Física, oferecendo atividades diferenciadas onde o aluno possa compartilhar novas experiências, e, para que isso seja possível, é necessário que as sementes sejam plantadas, podendo germinar e produzir frutos, mesmo que esse processo ocorra lentamente o importante é que ele ocorra, e a Educação Física pode colaborar muito. Esses resultados mostram que os Jogos Cooperativos podem (e devem) ser utilizados nas aulas de Educação Física e que uma reestruturação de conteúdos e metodologia de ensino em favor dessas atividades é possível nos nossos Colégios e Escolas. Para isso sugerimos que os docentes e pessoas interessadas busquem os conhecimentos necessários para sua utilização.

Finalizaremos o texto com frases do Prof. Orlick (1989, p.60) que chamam atenção sobre os valores humanos. Para ele "a preservação dos valores humanos deveria ser a marca do sucesso de um povo. A capacidade de viver de uma maneira significativa e cooperativa deveria marcar o sucesso do homem". O autor nos alerta

ainda explicando que não podemos glorificar a violência e a destrutividade humanas e ao mesmo tempo esperar por comportamentos construtivos. Se permitirmos a promoção da rivalidade e da agressão nos jogos e brincadeiras das crianças, “devemos estar preparados para sofrer as consequências óbvias disso na nossa via diária”.

7 REFERÊNCIAS

AMARAL, J. D. do. **Jogos Cooperativos**. São Paulo: Phorte, 2007.

BROTTO, F. O. **Jogos Cooperativos: o jogo e o esporte como um exercício de convivência**. Santos: Projeto Cooperação, 2001.

BROTTO, F. O. **Jogos cooperativos: se o importante é competir, o fundamental é cooperar**. Santos: Renovada, 2000

CARNEIRO, S. C. I. **Coletânea de Educação Física para o Ensino Fundamental: jogos**. Curitiba: Expoente, 2003

CORREIA, M. M. **Trabalhando com jogos cooperativos**. Campinas: Papyrus, 2006.

DARIDO, S. C. **Para ensinar Educação Física: possibilidades de intervenção na escola**. Campinas: Papyrus, 2007.

DEACOVE, J. **Manual de jogos cooperativos**. Santos: Projeto Cooperação, 2002.

FREIRE, J. B. **Educação de corpo inteiro: teoria e prática da Educação Física**. São Paulo: Scipione, 1999.

KUNZ, E. **Transformação didático pedagógica do esporte**. Ijuí: Unijuí, 2000.

MARTINS, J. A pesquisa qualitativa. In: FAZENDA, I. (org.). **Metodologia da pesquisa educacional**. São Paulo: Cortez, 2001.

ORLICK, T. **Vencendo a competição**. São Paulo: Círculo do Livro, 1989.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Livro Didático Ensino Médio: Educação Física**. Curitiba: SEED, 2006.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares da Rede Pública de Educação Básica do Estado do Paraná**. Curitiba: SEED, 2006.

POZO, J.I. **Aprendizes e mestres**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SOLER, R. **Jogos cooperativos**. Rio de Janeiro: Sprint, 2002.

SOLER, R. **Educação Física: uma abordagem cooperativa**. Rio de Janeiro: Sprint, 2006.

Correspondência:

Autor: Inácio Brandl Neto

Endereço: Rua Dom João VI, 1984. Marechal Cândido Rondon-PR.

CEP: 85960-000

E-mail: inaciobrandl@gmail.com

Recebido em 29 de dezembro de 2009.

Aceito em 09 de julho de 2010.

Expediente

O Caderno de Educação Física – Estudos e Reflexões é uma publicação do Colegiado de Educação Física da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) e tem como propósito a difusão de estudos, pesquisas e documentos científicos relativos à Educação Física.

Caderno de Educação Física: Estudos e Reflexões
Periodicidade Semestral
ISSN 1676-2533 | e-INSS 1983-8883

Colegiado de Educação Física da Universidade
Estadual do Oeste do Paraná

Rua Pernambuco, 1777, Centro, Marechal Cândido
Rondon - Paraná, CEP 85960-000

<http://e-revista.unioeste.br/index.php/cadernoedfisica/index>

Comissão Editorial

Prof. Dr. Gustavo André Borges (Editor)

Prof. Ms. Mauro Myskiw (Editor)

Prof. Ms. Inácio Brandl Neto

Prof. Dr. Luís Sérgio Peres

Conselho Editorial

Prof. Dr. Airton José Rombaldi (UFPEL, Brasil)

Prof. Dr. Alberto Saturno Madureira (UNIOESTE, Brasil)

Prof. Dr. Alvari Ahlert (UNIOESTE, Brasil)

Profa. Dra. Carmem Elisa Henn Brandl (UNIOESTE, Brasil)

Prof. Dr. Édio Luiz Petroski (USFC, Brasil)

Prof. Dr. Giuliano Gomes de Assis Pimentel (UEM, Brasil)

Profa. Dra. Inara Marques (UEL, Brasil)

Prof. Dr. Ivan Marcelo Gomes (UFES, Brasil)

Prof. Dr. Juarez Vieira do Nascimento (UFSC, Brasil)

Prof. Dr. Luís Sérgio Peres (UNIOESTE, Brasil)

Prof. Dr. Marco Paulo Stigger (UFRGS, Brasil)

Avaliadores

Prof. Ms. Adelar Aparecido Sampaio (REDE SAFA, Brasil)

Prof. Dr. Alberto Saturno Madureira (UNIOESTE, Brasil)

Profa. Ms. Aline Miranda Strapasson (UNIPAR, Brasil)

Profa. Dra. Ana Maria Pereira (UEL, Brasil)

Profa. Ms. Andreia Pelegrini (UFSC, Brasil)

Prof. Ms. Arestides Pereira da Silva Júnior (UNIOESTE, Brasil)

Prof. Ms. Carlos Fabre Miranda (PMPoA, Brasil)

Profa. Ms. Carine Ferreira de Souza (UNIOESTE, Brasil)

Profa. Dra. Carmem Elisa Henn Brandl (UNIOESTE, Brasil)

Profa. Ms. Cibele Biehl Bossle (UFRGS, Brasil)

Prof. Ms. Dartel Ferrari Lima (UNIOESTE, Brasil)

Prof. Ms. Douglas Roberto Borella (UNIOESTE, Brasil)

Prof. Ms. Edilson Hobold (UNIOESTE, Brasil)

Prof. Ms. Edmilson Santos Santos (UNISINOS, Brasil)

Profa. Ms. Eneida Maria Troller Conte (UNIOESTE, Brasil)

Prof. Ms. Esteban Manuel Barcelona (UGF, Brasil)

Prof. Ms. Evandra Hein Mendes (UNIOESTE, Brasil)

Prof. Ms. Fernando Neitzke (IFPR, Brasil)

Prof. Dr. Gustavo André Borges (UNIOESTE, Brasil)

Prof. Ms. Gustavo Chaves Brandão (UNIAMÉRICA, Brasil)

Prof. Dr. Gustavo Roese Sanfelice (FEEVALE, Brasil)

Prof. Ms. Herton Xavier Corseuil (UNIOESTE, Brasil)

Profa. Ms. Ileana Wenez (UFRGS, Brasil)

Profa. Ms. Ilse Lorena v. B. G. de Queirós (UNIOESTE, Brasil)

Prof. Ms. Inácio Brandl Neto (UNIOESTE, Brasil)

Prof. Dr. Ivan Marcelo Gomes (UFES, Brasil)

Profa. Ms. Ivana dos Santos Teixeira (UFRGS, Brasil)

Prof. Dr. João Fernando Christofolletti (UNIOESTE, Brasil)

Profa. Dra. Jociane de Carvalho Myskiw (PUCRS, Brasil)

Prof. Ms. Jorge Both (UFSC, Brasil)

Prof. Ms. José Carlos Mendes (UNIOESTE, Brasil)

Prof. Ms. José Porfírio de Souza (UNIOESTE, Brasil)

Prof. Ms. Junior Vagner Pereira Silva (UNIDERP, Brasil)

Profa. Ms. Kelly Samara Silva (UFSC, Brasil)

Prof. Ms. Lucinar Forner Flores (UNIOESTE, Brasil)

Prof. Dr. Luís Eduardo Thomassim (UFPR, Brasil)

Prof. Dr. Luís Sérgio Peres (UNIOESTE, Brasil)

Prof. Dr. Luiz Fernando Framil Fernandes (FEEVALE, Brasil)

Prof. Dr. Marcelo Romanzini (UEL, Brasil)

Prof. Ms. Mauro Myskiw (UNIOESTE, Brasil)

Profa. Ms. Maria das Graças Anguera Lima (UNIOESTE, Brasil)

Profa. Ms. Paula Bianchi (UNIPAMPA, Brasil)

Prof. Ms. Paulo Henrique Santos da Fonseca

Prof. Ms. Pedro Ferreira Reis (CESUFOZ, Brasil)

Profa. Ms. Priscilla Marques (UNIOESTE, Brasil)

Profa. Ms. Rosângela Ramos Veloso Silva (UNIMONTES, Brasil)

Prof. Dr. Santiago Pich (UNIVALI, Brasil)

Prof. Ms. Sidinei Pithan da Silva (FADEP, Brasil)

Profa. Ms. Tais Steffenello Ghisleni (UNIFRA, Brasil)

Profa. Ms. Viviane de Almeida Fernandes (FCTAE, Brasil)

Profa. Ms. Zelina Berlatto Bonadiman (UNIOESTE, Brasil)